

A INTENÇÃO

Desde que entráramos em contacto com o “médium” de Pedro Leopoldo e entráramos na apreciação de seu vasto arquivo de mensagens atribuídas a escritores, pensadores e poetas mortos, uma intenção se fôra sorrateiramente insinuando no ânimo do jornalista: a idéia de participar também dessas comunicações sensacionais, não simplesmente como um observador, mas com um gesto decidido de indagação e de pesquisa. Se nós vivemos a levantar diante dos “vivos” — tão imperfeitos, frágeis e defeituosos — as nossas perguntas, que poderão parecer impertinentes, mas pelas quais costumam falar e indagar as ansiedades, os desejosos, as desconfianças das coletividades, seria acaso demais que nos lembássemos de levar também — a êsse mundo de lá dos “planos intangíveis”, de onde ainda nos chegam o canto dos poetas e a advertência dos pensadores — as indagações das nossas incertezas e ansiedades?

Pareceu-nos que não seria demais êsse apêlo às luzes do Além. E firmou-se em nós a intenção. Dir-se-ia que o hábito da entrevista como um “tic” irremediável da profissão, ressurgia mesmo ali, diante do grande enigma sobre o qual se escancaravam nossos olhos humanos. A intenção, através do processo cerebral inevitável, concretizou-se na vontade. E as perguntas ficaram armadas sob a expectativa muda dos nossos lábios.

PRECIPITAM-SE OS ACONTECIMENTOS

Foi ontem à noite. Reencontramos à mesa do Hotel Dinis o Sr. Washington Floriano de Albuquerque, promotor público da comarca, e a quem já fizemos referência em correspondências anteriores.

O distinto magistrado, bela mentalidade aberta a todos os estudos e pesquisas, acompanha-nos mais uma vez numa palestra em torno do caso Chico Xavier. Findo o jantar, saímos juntos, sustentando ainda a palestra.

O repórter, a certa altura, comunica-lhe sua intenção, ou melhor, já agora sua vontade.

O espírito de observação e pesquisa do magistrado e do estudioso deixa-se seduzir pela idéia de uma consulta

aos “amigos do espaço”. E resolvemos procurar José Cândido para sabermos da viabilidade de uma consulta daquela ordem.

A DIFICULDADE

Encontramos, na sua humildade de trabalhador, o mesmo José Cândido, amável e acolhedor de sempre. Enquanto ali encetamos com êle a palestra, chega Chico Xavier, trazido por imprevista circunstância. O “médium” acaba de despedir-se de algumas visitas que recebera, ao anoitecer, vindas de Belo Horizonte. Vinha provavelmente comunicar o fato ao irmão. Dando conosco, entra na conversa. E foi então que expusemos a nossa intenção de consulta ao José Cândido: não uma dessas chamadas “consultas médicas”, mas uma indagação qualquer apanhada no ambiente. Não nos é feita restrição quanto à viabilidade. Únicamente, diz-nos José Cândido, aquilo só poderia ter lugar na quarta-feira, o único dia agora reservado às sessões e assim fixado por determinação dos próprios espíritos protetores do “médium”.

Um motivo porém nos leva a ligeira resistência. Talvez o Sr. Washington Floriano não possa ficar aqui até quarta-feira próxima. Mas isso não demove José Cândido. As sessões só poderão ter lugar nas quartas-feiras. Os “amigos do espaço” não podem ser desobedecidos.

A AMAVEL POSSIBILIDADE

Enquanto assim falávamos, Chico Xavier, do outro lado da mesa, silenciava; e havia uma expressão vagamente triste no seu rosto. Num relance vem ao repórter a impressão nítida de que aquela alma boa, sensível e humilde, se desgostava um pouco com a necessidade daquela resistência imposta pelos imperativos citados às nossas solicitações humanas.

Talvez lhe ocorresse, naquele momento, por maravilhosa intuição, a palavra de Jesus:

— Bate que a porta se te abrirá.

Ali viéramos nós bater.

Sua tristeza como que se acentuou. E, diante da impossibilidade surgida, baixamos os olhos ao silêncio.

Parecia-nos, até certo ponto, explicável a dificuldade; nenhum dos três visitantes, o jornalista, o promotor e o fotógrafo era propriamente um adepto, um crente, um doutrinado. Não poderíamos por certo negar que houvesse, no fundo de nossa atitude, um subtil reflexo dos eternos anseios da alma humana. Mas o que nos movia também era uma intenção de pesquisa, de constatação mais convincente, aquilo que poderíamos chamar a busca, não isenta de leve malícia, das evidências.

E foi no meio dessa meditação que nos surpreendeu a voz do "médium":

— Emmanuel atende...

A PORTA ABRE-SE

Por um instante o nosso silêncio ainda se apóia num certo pasmo. Emmanuel atende... O guia, o espírito do "médium" abre-nos pois uma concessão?

Enfim a porta abriu-se.

Tudo foi tão imprevisto que, em verdade, ainda nem tínhamos preparado as nossas perguntas. Apenas, meia hora antes, ao saímos do hotel, havíamos grafado um rascunho de indagações gerais com que pretendíamos compor as perguntas. Mas não se podia hesitar.

José Cândido ocupa rapidamente o lugar ao lado do "médium". Pede que façamos a nossa consulta. O promotor Albuquerque faz um sinal ao jornalista. Este tira do bôlso uma das páginas rascunhadas.

A PERGUNTA

Na fôlha quase amarrrotada lemos isto numa das perguntas que grafáramos às pressas para ulterior escolha:

— Que possibilidades existem e que vantagens ou desvantagens adviriam da implantação de um regime extremista no Brasil?

Estendemos o papel a José Cândido, que o pôe, por sua vez, diante do "médium" já em transe.

Fornecemos ao mesmo tempo nosso próprio bloco de papel e lápis para a grafia da mensagem que porventura viesse, pois não houvera nenhuma preparação para isso.

A seguir José Cândido pede que nos concentremos numa prece ao Senhor e ao espírito dos nossos mortos bem-amados.

A RESPOSTA

Nem um minuto chegou a passar e ouvimos o ruído característico do lápis sobre o papel. Inicia-se a grafia da mensagem, rapidamente, como de costume. Ainda uns doze ou quinze minutos de concentração e o lápis estacou ao fim de uma assinatura.

Imobilidade.

José Cândido pede que o acompanhemos agora em sua oração. Finda esta, estão findos os trabalhos.

A mensagem que recebêramos, em resposta àquela nossa pergunta, é a seguinte:

“Amigos, que Deus ilumine o vosso entendimento.

Avêssso à política, me sentiria mais à vontade se fôsse inquirido acerca do evangelho. Todavia, opiniões são coisas que pouco se custa a fornecer; contudo os meus pareceres são igualmente pessoais como os vossos, sem o caráter da infalibilidade.

As mais extravagantes teorias políticas têm sido veiculadas no Brasil, cujo povo, guardando tradições de raças diversas, ainda se encontra longe da linha decisiva de sua evolução racial. Tudo aí se mistura e tôdas as idéias se propagam sem que sejam devidamente estudadas, ponderadas no cadinho da análise mais rigorosa. A implantação de um regime extremista seria um grande êrro que o sofrimento coletivo viria certamente expiar.

De um lado prevalecem as doutrinas dos governos fortes, como a política do "sigma" copiando o fascismo em suas bases; da outra margem se encontra o comunismo, inadaptável ainda à existência da nacionalidade, levando-se em conta o problema da necessidade de braços para o trabalho em uma terra vastíssima à espera das iniciativas e cometimentos de progresso preciso. É verdade que a Rússia atual fornece exemplos ao mundo inteiro, porém os homens que inauguraram violentamente os seus novos regimes não se fizeram de um dia para o outro. Eles representavam muitos séculos de opressão, de martírios, de tormentos nefandos. Não saíram do proletariado que se compraz na incultura, mas da energia coordenadora que busca conciliar o labor operário com o trabalho intelectual das academias.

O Brasil necessita, antes de tudo, combater o magno problema do analfabetismo. É necessário que se solucione o enigma pedagógico que implica tôda essa mocidade sem entusiasmo e sem energia para o estudo; para o estado ao qual não se enquadra outro regime fora da democracia liberal, até que o povo se eduque convenientemente para as grandes iniciativas do porvir. Fora disso é a ilusão portadora dos desenganos trágicos que empobrecem a economia e roubam a paz social. Infelizmente, a ambição, o personalismo, infestam os bastidores da política brasileira, eminentemente prejudicada pela sua visão mesquinha, concernente aos problemas da coletividade. Mas o que quereis? O trabalho é dos homens e a êles compete a realização do progresso necessário. Longe do cenário do mundo não nos é lícito influenciar sôbre questões distantes da nossa esfera de ação.

A nossa atividade únicamente se circunscreve ao esclarecimento das almas, pugnando para que as construções da crença sejam novamente reedificadas no templo dos corações humanos, trabalhados pelas concepções amargas e destruidoras do negativismo. Para atingirmos semelhante desideratum só no Evangelho buscamos os nossos programas de ação. O nosso labor intenso é todo realizado com êsse objetivo.

Que os homens resolvam de entendimento pôsto no código da perfeição, legado à Terra por Jesus e estarão de acordo com a evolução que deve presidir a tôdas as manifestações das nossas atividades nos setores do trabalho humano. A Deus elevemos, assim, os nossos votos humildes para que os governantes do Brasil se acautelem com a infiltração de idéias contrárias ao bem-estar social e em desacôrdo com a sua vida de nacionalidade nova e apta a desempenhar um papel muito preponderante no seio da humanidade.

Emmanuel.

(“O Globo”, de 16 de maio de 1935)

RESPOSTA DE HUMBERTO DE CAMPOS A UMA MÃE AFLITA

CORAÇÃO DE MÃE

Dolorosa e comovedora é a carta dessa mulher maranhense que te chegou às mãos trazidas sob as asas de um avião trepidante e ruidoso.

Mãe desesperada apela para os sentimentos de paternidade que não me abandonaram no túmulo e grita aflitivamente, como se as suas letras tremidas fôssem vestígios arroxeados do sangue do seu coração.

“Eu peço a Humberto de Campos que mesmo do Além salve o meu filho! Ele que não se esqueceu dos que deixou na terra, não pode negar uma esmola à minha alma de mãe extremosa!...”

E eu me lembro comovido dos apelos que me eram dirigidos pelos sofredores, nos derradeiros tempos da minha vida, enquanto eu naufragava devagarinho no veleiro da Dor entre as águas pesadas do oceano da morte.

Eu daria tudo para enviar a essa mulher sofredora da terra que foi minha, a certeza de que o seu filho é uma criatura predileta dos deuses. Tudo faria para poder imitar aquelas mãos ternas e misericordiosas que descançaram sôbre a fronte abatida do órfão da viúva de Naim, ressuscitando para um coração maravilhoso de mãe as energias do filho que padece sob as provações mais penosas.

A morte porém nos afasta do nosso caminho a visão estranha da fatalidade e do destino. Há um determinismo no cenário das nossas existências criado por nós mesmos.

O mal com o seu cortejo de horrores não está dentro dessa corrente impetuosa e irrefreável, mas todos os seus elos são formados pelos sofrimentos.

Os homens de barro têm de batalhar a vida inteira repelindo o Crime e o Pecado, mas inevitavelmente andarão atolados no pantanal da Dor e da Morte.

O que mais me pungia depois de haver perquirido as lições dos sábios dali era a inutilidade dos seus argumentos ante as determinações irrevogáveis do Destino. Após haver atravessado as estradas da ignorância desprestiosa, no limiar do imenso palácio das experiências alheias, presumia encontrar a solução dos enigmas que confundem o cérebro humano. Mas em tôdas achei o mesmo tormento, as mesmas ansiedades angustiosas.

Frente a frente do pulso inflexível da morte tôda a ciência do mundo é de uma insignificância irremediável.

Neste particular, todo o portentoso monumento da filosofia de Pitágoras não valia mais que as extravagantes teorias doutrinárias propaladas no mundo.

Todos quantos laboram em favor do homem da terra, esbarram nos muros indevassáveis da Sombra. O Cristo foi o único que espalhou na masmorra da carne uma clari-